



EDUCAÇÃO em FOCO

e-ISSN 2447-5246
ISSN 0104-3293

Creative Commons license



LEV VIGOTSKI: SOBRE ALEGRIA E TRISTEZA

(comentários ao artigo *Ideias e ânimos*)¹

LEV VYGOTSKY ON JOY AND SORROW

(Comments on the Article «Thoughts and Moods»)²

Vladimir S. Sobkin³

Tatiana A. Klimova⁴

Resumo:

A presente publicação é dedicada a um dos três artigos do jovem L. S. Vigotski que se referem a problemas da percepção, à época, do contexto dos acontecimentos religiosos e históricos do povo judeu. É o segundo artigo do seu tríptico histórico-religioso e contém reflexões do jovem Vigotski a respeito de especificidades da festa judaica *Chanucá* em dois contextos: o histórico e os ligados aos acontecimentos contemporâneos ao autor. Os comentários ao artigo tentam enfrentar algumas questões. Em primeiro lugar, estão direcionados para a reconstrução dos acontecimentos sociais e econômicos que determinaram a vida da Rússia no período da primeira Guerra Mundial. Os comentários também ajudam o leitor contemporâneo a conhecer com profundidade o conteúdo do texto do artigo publicado e imaginar a especificidade da posição semântica do jovem Vigotski. Os comentários são esforços para recuperar conhecimentos religiosos e artísticos necessários à compreensão do artigo como também discussões características da tradição da cultura judaica. A análise das peculiaridades composicionais estilísticas do artigo de Vigotski, sua dialogicidade interna, ocupa um lugar específico. Os comentários chamam a atenção para uma série de temas que, posteriormente, serão abordados por ele em suas investigações psicológicas.

Palavras-chaves: Psicologia histórico-cultural, psicologia da vivência, experiência religiosa, situação social, diálogo cultural, autodeterminação nacional e cultural, sentido pessoal, peculiaridades estilísticas.

Abstract:

This publication focuses on one of the three early articles by Lev Vygotsky which deal with the issues of perception of modernity in the context of religious and historical events of the Jewish people. It is the second article in his historical and religious triptych and represents the young

¹ Tradução do russo para o português de Zoia Prestes, Erondina Santos de Araújo e Elizabeth Tunes.

² Artigo originalmente publicado em russo na Revista *Kulturno-istoritcheskaia psirrologia*, 2017, T. 3, Nº3, p. 71-82. Está sendo publicado em português com a autorização da revista e dos autores.

³ Doutor em Psicologia, professor, Diretor do Centro de Sociologia da Educação, Instituto de Administração da Educação da Academia Russa de Educação, Moscou, Rússia. E-mail: sobkin@mail.ru

⁴ PhD em Psicologia, professora da cátedra de psicologia geral e aplicada, Universidade Ortodoxa de Moscou St. Ioann Bogoslov, Moscou, Rússia. E-mail: t-klim@list.ru

Vygotsky's reflections on the specifics of the Jewish Hanukkah holiday in two contexts: historical and the context of contemporary events. These comments on the article solve several tasks. First of all, they are aimed at reconstructing those socio-economic events that determined the life of Russia during the First World War. Also, the comments are intended to help the modern reader to understand more deeply the content of the published text and the originality of the personal and semantic position of the young Vygotsky. The comments are aimed at reconstructing the knowledge of religious and artistic texts necessary for understanding the article, as well as the discussions that are characteristic of the Jewish cultural tradition. The analysis of compositional and stylistic features of Vygotsky's article and of its inner dialogical nature also plays an important part. The comments conclude with an outline of certain issues which would later reappear in Vygotsky's psychological research.

Keywords: cultural-historical psychology, psychology of experience, religious experience, social situation, cultural dialogue, national and cultural self-determination, personal meaning, stylistic features.

INTRODUÇÃO

O artigo de L. S. Vigotski *Ideias e ânimos* é o segundo do ciclo de três de seus pequenos textos publicados, no período de 1916 a 1917, na revista *Novi Put* [Novo rumo]. Os três são dedicados a problemas da percepção do contexto dos acontecimentos religiosos e históricos do povo judeu naquela época: do luto de *9 Ava*, da festa *Chanucá* e da *Pessach* [Páscoa] (VIGOTSKI 1916 (a); VIGOTSKI, 1916(b); VIGOTSKI, 1917).

Publicados na revista semanal judaica, os artigos mencionados são conhecidos por um público restrito de especialistas e, até hoje, não aparecem na lista das obras científicas do autor por não se referirem, à primeira vista, a problemas psicológicos fundamentais dos quais se ocupou posteriormente. Entretanto, essa opinião não é totalmente correta e acreditamos que o leitor se convencerá disso ao conhecer esses textos.

Os três artigos compõem um tríptico histórico-religioso específico, unindo, numa partitura emocional e imagética, a “derrota e vivência dos dias de tristeza – alegria da vitória e espera do milagre – sentimento de liberdade e medo diante do futuro”. Essas vivências se apresentam como um *camerton* (diapasão) emocional-semântico específico da percepção de Vigotski sobre os acontecimentos da Rússia de então, às vésperas da revolução. A história e a época compõem o problema principal que une esses três artigos do jovem Vigotski, ou, mais precisamente, mostram seu olhar para a sua contemporaneidade através do prisma da história.

É importante destacar que, nesses três pequenos artigos, assim como no seu trabalho sobre Hamlet, que finalizara alguns meses antes, pode-se encontrar uma busca intensa de si mesmo; não é um pensamento frio, mas, precisamente, uma vivência viva, direta e ativa de um jovem que se encontrava no espaço da cultura, travando diálogo com filósofos, historiadores e poetas. Por isso, é extremamente importante levar em consideração a série de momentos que gostaríamos de apresentar, antes da leitura desse pequeno artigo de Vigotski, dedicado à festa judaica *Chanucá*, e dos nossos comentários a ele.

1. A autoidentificação nacional. A crise de identidade é uma característica da juventude. É importante destacar que Vigotski, como se vê pelo artigo, vivencia-a agudamente numa situação de indefinição normativa de valores, característica da Rússia na Primeira Guerra Mundial, às vésperas da revolução. Há um significado peculiar na intransigência de princípios ao se apresentar a questão da origem judaica que distingue o jovem Vigotski. Isto não é algo pequeno-burguês nem situacional. Para ele, o problema se desdobra na escala do tecido histórico do povo judeu. Daí surge a questão da qual ele não pôde se desvencilhar: o que significava ser judeu na Rússia? A resposta a esta questão é possível apenas com a transição ao *plano espiritual*. Vale notar que Vigotski aborda uma oposição-chave a valores, que problematiza, também, a existência do ser humano contemporâneo que, com muita precisão, foi formulada por Eric Fromm: *ser ou ter?*

Sem dúvida, para Vigotski, naquele período, a orientação do valor “ser” ligava-se, como podemos ver pelo artigo, à experiência religiosa com o desejo de vivenciar os acontecimentos históricos da vida de seu povo, reconstruindo e aprofundando seu significado religioso. Esperamos que, ao ler esse artigo (assim como os demais desse ciclo), o leitor não só sinta o quão profundamente seu autor conhecia os textos religiosos, os comentários filosóficos relacionados a eles e as nuances da observância das tradições judaicas, como também sua correspondência com as vivências “de alegria e de tristeza” que compuseram a base de suas buscas vitais no processo de autodeterminação nacional e cultural.

2. O diálogo intercultural como procedimento de autodeterminação nacional. Lendo o artigo, podemos nos impressionar não apenas com o profundo conhecimento de Vigotski acerca dos textos religiosos, como também da obra de escritores e poetas judeus de sua época. Entretanto, a especificidade do texto consiste no fato de que nele soam livremente vozes de grandiosos representantes da cultura russa do século XIX. Impressiona a naturalidade com a qual o jovem autor cita M. Iu. Lermontov, Viatch[aslav] Ivanov, V. S. Soloviov, F. M. Dostoievski, F. M. Tiutchev. O “Leve alento” da cultura russa perpassa todo o artigo. Ainda, infelizmente, o leitor contemporâneo, às vezes, não consegue captar, *ouvir* e reconhecer essas vozes. Para isso, a nosso ver, ele precisaria de uma ajuda especial, o que tentamos fazer em nossos comentários, assumindo o trabalho de *mediação cultural*.

Por isso, consideramos importante lembrar também de uma das ideias fundamentais de M. M. Bartin sobre o fato de que, *no limiar, a cultura determina a si mesma*. Acreditamos que nisso consiste a peculiaridade principal de Vigotski que vive organicamente no entrecruzamento de duas culturas: a judaica e a russa. As duas são amadas, as duas são suas. Além disso, é característico que o seu texto não contenha uma gota de manifestação do *complexo de inferioridade* próprio de minoria nacional. Em relação a isso, Vigotski, realmente, é livre para expressar suas ideias e sentimentos; a autocensura está ausente. Vale notar que essa autossensação do autor combina-se organicamente com o tema principal do artigo dedicado à festa *Chanucá* – a luta do povo judeu pela própria liberdade e independência. *A liberdade espiritual e a escravidão* formam o conflito de valores mais importante em relação ao qual se constrói a contraposição do feito histórico do povo judeu e seu estado contemporâneo. A agudeza do conflito não pode ser recebida sem levar em consideração a questão dos textos religiosos e artísticos e também as discussões que são características da tradição da cultura judaica. Por isso, em nossos comentários, na medida do possível, tentamos ajudar o leitor a considerar, minimamente, alguns materiais necessários que não definem com clareza o contexto substancial do artigo.

3. A tragédia do cotidiano: a tarefa do sentido pessoal. Está claro que a compreensão do texto de Vigotski pressupõe a reconstrução do cotidiano, ou seja, do contexto real, histórico e econômico que definia a vida da Rússia no período da Primeira Guerra Mundial. A vivência da tragédia mundial ou o desejo de entender a realidade sociocultural da época é exatamente o motivo principal que o levou a escrever o artigo sobre a festa *Chanucá*. Com isso, o método do qual se valeu Vigotski pressupõe dois planos para o desdobramento do problema. Por um lado, a compreensão da situação está ligada à atualização por parte do autor (e, por meio dele, também do leitor) da própria identidade nacional. É isso o que define a peculiaridade do texto já que, aqui, se apresenta e se resolve a *questão do sentido pessoal*. Por outro lado, a apresentação de tal problema não se limita apenas às fronteiras de uma situação concreta. A questão deve e pode ser resolvida apenas levando-se em consideração o olhar para a realidade da sua contemporaneidade numa perspectiva histórica da vida do povo judeu na Rússia, de seu passado, seu presente e seu futuro. Aqui, Vigotski se orienta pela proposição de B. Spinoza que diz *sub specie aeternitatis* (lat.) – sob a forma de eternidade (VIGOTSKI, 1917; SOBKIN; KLIMOVA, 2017).

É característico que tal abordagem histórica se apresente como um momento importante para a reflexão sobre os valores da própria existência no mundo contemporâneo. Realmente, o que significa para mim, uma pessoa contemporânea, o festejo daquele acontecimento histórico que ocorreu há mais de 2.000 anos? Essa apresentação do problema permite evidenciar as diferenças entre a guerra mundial fratricida de hoje e a guerra libertária liderada pelos Macabeus; guerra como um grande ato heroico do povo. Que sentido era atribuído pelo homem daquela época às velas acessas de *Chanucá*: seria uma simples obediência ao ritual ou agradecimento a Deus pelo milagre ou a crença na realização da divina providência? O que significaria obediência (submissão) às circunstâncias e a realização da ação *livre* como manifestação de sua vontade?

O olhar histórico permite assumir uma consciência crítica real do estado moral e ético do povo naquela determinada etapa, povo este que se acostumou à humilhação da própria honradez, perdeu o seu próprio destino e o objetivo de seu caminho histórico. Destacamos que todas essas questões, cem anos depois, a nosso ver, se mostram extremamente atuais para a Rússia contemporânea: a busca de fundamentos religiosos e históricos, a definição de valores numa perspectiva de desenvolvimento e o problema do patriotismo.

4. A poética do texto: “veneno sutil”. Por seu estilo, os textos de Vigotski são muito peculiares. Esse aspecto já foi demarcado por nós inúmeras vezes não apenas no que se refere aos trabalhos publicitários, à crítica literária, como também aos seus trabalhos científicos. Chamamos a atenção para isso numa série de publicações (SOBKIN, 1981; SOBKIN; KLIMOVA, 2016; SOBKIN; KLIMOVA, 2017(a); SOBKIN; KLIMOVA, 2016 (c); SOBKIN; KLIMOVA, 2016 (b); SOBKIN; KLIMOVA, 2017 (b)). As peculiaridades características de seus textos são as citações ocultas, o emprego de silêncio figurativo, as repetições internas, o enquadramento do texto, que, estruturalmente, une-se num todo semântico, o início e o fim do artigo etc. Entretanto, o mais importante, certamente, é sua dialogicidade interna.

O artigo que será apresentado não é exceção. Sua peculiaridade, assim como de todo o tríptico, é a referência ativa a textos religiosos. Além disso, são importantes não apenas as referências formais, como também as funções do emprego de tais citações que, a nosso ver, são três: primeiramente, os fragmentos religiosos se apresentam como um *camerton* (diapasão)

emocional e ético, um ponto de partida, em relação ao qual são apresentadas citações de obras literárias, de textos de escritores judaicos e russos. Em outras palavras, o *Velho Testamento* é a base (o metatexto) que permite integrar ao diálogo cultural os ativistas tanto da cultura judaica quanto os da russa. Em segundo lugar, nos deparamos pela primeira vez com a situação em que Vigotski “fragmenta” um texto religioso único com suas reflexões e análises próprias. Assim, no nível da microorganização do texto, a própria ideia do autor se encontra no interior do fragmento religioso como uma fala interna peculiar externalizada (comentário) em relação a um determinado problema ético. Em terceiro lugar, a multiplicidade de gêneros. Em um pequeno espaço de escrita, de forma limitada, Vigotski combina o texto religioso com diferentes estilos literários: a poesia, a publicidade e até mesmo com a inclusão de fragmentos de verbetes enciclopédicos e de definições de dicionários. Isso não é feito para *atualização* do texto, mas para atribuir-lhe um volume específico, para transferi-lo a uma dimensão em que se desdobra um trabalho interno de transformação de significados em sentidos pessoais.

Por último, é importante destacar a especificidade da posição do autor. É exatamente a própria voz do autor-narrador, sua reação estético-emocional em relação aos acontecimentos históricos de sua contemporaneidade que determinam a finalização estrutural do artigo. Mas é exatamente essa reação que ele (o autor) tenta mascarar, convencendo-nos (os leitores) de que, para ele, em primeiro lugar, são importantes as *ideias* e não os *ânimos*. Mas isso não é verdade. É exatamente o *veneno sutil* das vivências autorais-emocionais que compõe o fator principal para influenciar o leitor, atualizando as contradições (o conflito) da moral e da ética. Vale destacar que sua experiência pessoal de *direcionamento da vivência do leitor* Vigotski, mais tarde, empregará nas resenhas teatrais e nos estudos da psicologia da arte, tentando evidenciar o conflito, a contradição entre os diferentes níveis do texto que, posteriormente, definirá o *veneno sutil*, um mecanismo que dá origem à vivência catártica.

5. A caminho da psicologia histórico-cultural: a fenomenologia da vivência. A leitura do artigo que será apresentado possibilitará a descoberta de uma série de temas que serão desenvolvidos, posteriormente, por Vigotski em suas investigações propriamente psicológicas. São temas já discutidos por nós anteriormente, como a unidade afeto-intelecto, a liberdade da vontade e questões da *psicologia superior* – a consciência, a ideologia, a regulação moral do comportamento. Para a psicologia social, um interesse indubitável são os momentos que tratam da psicologia comunitária; para a etnopsicologia, os que tratam de enredos concretos relacionados à observância de tradições nacionais e culturais, de desenvolvimento da identidade nacional, aculturação. Finalmente, sem dúvida, esse trabalho é importante para pesquisadores que se ocupam da psicologia da personalidade e, também, para os que estudam, especialmente, a biografia científica de Vigotski.

Entretanto, é importante chamar a atenção para um talento especial de Vigotski, sua capacidade impressionante de ver, sentir e compreender as *manifestações dos fenômenos psicológicos* em situações reais da vida, em contextos histórico-culturais concretos. Assim, se apresentam como centrais exatamente os fenômenos psicológicos que se referem à esfera de vivências complexas que guardam relação com a autoidentificação pessoal no espaço da cultura e da história.

REFERÊNCIAS

- BARTIN, Mirrail Mirrailovitch. **Estetika slovesnogo tvorchestva** [Estética da criação verbal]. Moskva: Rudojstvannaia literatura, 1979, 412 p.
- BIALIK, Raim Narman. **Stirrii i poemi** [Versos e poemas]. Telavive: DVIR, 1964, 144 p.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002, 2.206 p.
- CHAPIRO, Aleksandr. *Durovno-religiioznie motivi jizni i tvortchestva L. S. Vigotskogo* [Motivos espirituais e religiosos da vida e obra de L. S. Vigotski]. Em: **Moskovski psirroterapevticheskii jurnal** [Revista de psicoterapia de Moscou], 1996, no. 4, p. 147.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor Mirrailovitch. *Bessi* [Os demônios]. Em: **Sobranie sotchineni v 15 t. (T. 7)**. [Obra completa em 15 v. (V. 7)]. Leningrad: Nauka, 1990. 848 p.
- HOROWITZ, Braian. **Refleksia i revoliutsia: pozitsia M. O. Gershenzona v «Perepiske iz dvur uglov»** [Reflexão e revolução: a posição de M. O. Gershenzon em “Correspondência de dois cantos”]. Disponível em: http://www.elenatolstaya.com/userfiles/45_3137.pdf (Acesso em 20.08.2017).
- IVANOV, Viatcheslav. **Sobranie sotchineni v 4 t. (Tom 1)**. [Obras reunidas em 4 v. (Vol. 1)]. Moscou: Skorpion, 1904. 740 p.
- KIPERMAN, Semion. **Pod dvuglavim orlom i magendavidom** [Sob a águia de duas cabeças e o Magendavid]. Disponível em: <http://ilterritory.com/2014/05/03/mageneagle/>
- LERMONTOV, Mirrail Iurievitch. *Stirotvorenia, 1828-1831* [Poemas, 1828—1831]. Em: **Sotchinenia v 6 t. (T. 1)**. [Obras em 6 v. (Vol. 1)]. Moscou; Leningrad: Publ. AN SSSR, 1954. 452 p.
- LEVIN, Kurt. *Voenni landshaft* [Panorama militar]. Em: **Dinamiticheskaia psirrologiia: izbrannie trudi** [Psicologia dinâmica. Obras selecionadas]. Moscou: Smisl, 2001, pp. 87—93.
- PERGAMENSCHIK, Leonid Abramovitch. *Lev Semenovitch Vigotski: v poiskar tsentralnoi idei novoi psirrologiui* [Lev Semenovitch Vigotski: em busca da ideia central da nova psicologia]. Em: **Dialog** [Diálogo], 2016, no. 2, pp. 5—12.
- SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. *K issledovaniu poetiki tekstov L. S. Vigotskogo* [Acerca dos estudos da poética dos textos de L. S. Vigotski]. Em: **Nauchnoe tvorchestvo L.S. Vigotskogo i sovremennaia psiologii** [Criação científica de L. S. Vigotski e a psicologia moderna]. Moscou: 1981, pp. 143—145.
- SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. *Vstupitelnaia statia. L. S. Vigotski: abris sotsiokulturnogo konteksta* [Artigo introdutório. L. S. Vigotski: traços do contexto sociocultural]. Em: **VIGOTSKI, L. S. Polnoe sobranie sotchineni v 16 t. T. 1. Dramaturgiia i teatr** [Obra completa em 16 v. Vol. 1. Dramaturgia e teatro]. Moscou: Lev, 2016. 752 p.
- SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. «*Traurnie stroki*»: *k voprosu o natsionalno-kulturnom samoopredeleni L. S. Vigotskogo* [“Linhas de luto”: sobre a

autodeterminação nacional de L. S. Vigotski]. Em: **Kulturno-istoricheskaia psirrologia** [Psicologia histórico-cultural], 2017, no. 2, pp. 4—12. doi: 10.17759/chp.2017.130201

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Kommentarii k neizvestnomu reportaju L. S. Vigotskogo: vpetchatlenia o Fevralskoi revoliutsii* [Comentários sobre uma reportagem desconhecida de L. S. Vigotski: impressões sobre a revolução de fevereiro]. Em: **Voprosi psirrologuii** [Questões de Psicologia], 2016 (c), n° 5, pp. 88—101.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Kommentari k neizvestnomu felietonu L. S. Vigotskogo* [Comentários para uma sátira de L. S. Vigotski]. Em: **Voprosi psirrologii** [Questões da psicologia], 2017, n. 5, p. 125-138.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Lev Vigotski mejdu dvur revoliutsii: k voprosu o polititicheskom samoopredelenii utchenogo* [Lev Vigotski entre duas revoluções: acerca da questão da autodeterminação política do cientista]. Em: **Natsionalni psirrologuitcheski jurnal** [Revista de psicologia nacional], 2016 (b), n° 3 (23), pp. 20—31. doi: 10.11621/npj.2016.0303

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Neizvestni Vigotski: ob opyte perevoda s drevneevreiskogo* [Vigotski desconhecido: sobre a experiência de tradução do hebraico]. Em: **Voprosi psirrologuii** [Questões de Psicologia], 2016 (a), n° 4, pp. 76—95.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; LEONTIEV, Dmitri Alekseevitch. *Psirologuia iskusstva i psirologuitcheskaia metodologuia v rannir rabotar L. S. Vigotskogo* [Psicologia da arte e a metodologia psicológica nos primeiros trabalhos de L. S. Vigotski]. Em: **Vestnik Moskovskogo universiteta. Series 14. Psirrologuia**. Moscou: 1994, n° 4, pp. 35—44.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; MAZANOVA, Valeria Sergueevna. *Kommentari k «Teatralnim zametkam» L. S. Vygotskogo* [Comentários para as “Anotações sobre teatro” de L. S. Vigotski]. Em: **Kulturno-istoricheskaia psirrologia** [Psicologia histórico-cultural], 2014 (b), no. 3, pp. 82—96.

SOLOVIOV, Vladimir. *Stirotvorenia i perevodi* [Poemas e traduções]. Em: SOLOVIOV, Vladimir. **Izbrannoe** [Seleção]. Sankt Peterburg: Diamant, 1998, 448 p.

VASSILIUK, Fiodor Iefimovitch. *Molitva — moltchanie — psiroterapia* [Oração — silêncio — psicoterapia]. Em: **Moskovskii psiroterapevticheskii jurnal** [Revista de psicoterapia de Moscou], 1996, no. 4. pp. 141—145.

VIGODSKAIA, Guita Lvovna; LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. **Lev Semionovitch Vigotski. Jizn. Deiatelnost. Chtriri k portretu** [Lev Semionovich Vigotski. Vida. Atividade. Esboços para o retrato]. Moscou: Smisl, 1996, 424p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Avodim hoinu*. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917, no. 11—12.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *L. O. Gordon (K 25-letiyu so dnya smerti)*. [L. O. Grdon (125 anos de sua morte)]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917, no. 30.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *M. Yu. Lermontov*. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1916, no. 28.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Michlenie i retch** [Pensamento e fala]. Moscou: Labirint, 1999. 352 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Misli i nastroenia* [Ideias e ânimos]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1916, no. 48-49.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Polnoe sobranie sotchineni v 16 t.** (T. 1). Dramaturguia i teatr [Obra Completa em 16 v. (Vol. 1). Dramaturgia e teatro]. Moscow: Lev, 2015. 752 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Sobranie sotch. v 6 t.** (T. 4) [Obra reunida em 6 v. (Vol. 4)]. Moscou: Pedagoguika, 1984, 432 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Traurnie stroki (Den 9 ava)* [Linhas do luto (Dia de 9 ava)]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1916, no 27.

VIRNOVITCH, Vsevolod Lvovitch. **Iudaizm** [Judaísmo]. Sankt Peterburg: Piter, 2006, 224 p.

ZAVERCHNEVA, Ekaterina Iurievna; VAN der VEER, Rene. (org.) **Zapisnie knjiki L. S. Vigotskogo. Izbrannoe** [Cadernos de anotação de L. S. Vigotski. Seleção]. Moscou: Kanon +, 2017. 608 p.

IDEIAS E ÂNIMOS¹

(Linhas sobre *Chanucá*²)

...*Baiomim hoheim –*
Bisman haze,
*Do chanucá, Orações*³

Palavras sobre *Chanucá* soam agora, em nossos dias, de forma estranha, como, provavelmente, num norte longínquo, soa a canção sobre um sul abençoado⁴. Por certo, é difícil imaginar a grande contradição interna, as mais profundas não correspondências que existem hoje entre o ânimo da contemporaneidade⁵ e essa festa. Até mesmo o seu aspecto ritualístico é esquematicamente simples e deploravelmente simplório⁶, está quase livre de todo o simbolismo profundo do fruto religioso das preces e das missas⁷, parece submissa ao espírito áptero do nosso tempo⁸ e perdeu qualquer menção viva ao próprio fato que, certa vez, a gerou, perdeu qualquer ligação autenticamente viva com ele. Assim, nossa *Chanucá* anual se desprende daquela única, irrepetível e grandiosa *Chanucá* que, com o fogo da iluminação, acendeu, certa vez, a grandiosa luz em Israel⁹.

As pequenas velas amarelas e tristes, finas e lamentosas que se derretem rapidamente com uma chama opaca, escura e quase sombria, *essas* foram acesas para lembrar a força desumana dos Macabeus¹⁰; essas hastezinhas pobres de cera e o mais grandioso ato heroico de um povo inteiro são autênticos, o que é uma profundíssima ironia e um ritual de paródia¹¹. Em memória de palavras orgulhosas, muito orgulhosas para o ouvido humano, de palavras quase insuportáveis para ele: “Para que precisamos ainda viver? Seria melhor para nós morrer em batalha do que ter de contemplar as desgraças do nosso povo”¹². Soam dos escravos os lamentos longos, uníssonos e submissos “*schehechionu, wekiimonu wehigionu*”... que nos permitiram sobreviver, atingir e conservar nossa existência até hoje¹³. Ou, realmente, as palavras sobre a morte orgulhosa são apenas palavras, palavras, palavras¹⁴ e, na realidade judaica, com todos os seus ímpetos que se direcionam a esse *schehechionu*: um cão vivo é melhor do que um leão morto¹⁵?

Agora mesmo, parecem recém-nascidas também essas velas e essas palavras que nos são tão familiares. *Assim* é a maneira que o judaísmo reverencia a memória de seus heróis e de seus atos heroicos? Acredito que seja exatamente *assim*. O que há em comum entre aqueles dias e o nosso tempo? O momento mais clarividente de celebração superior da força do povo, da grandeza, da vontade do judaísmo e, também, o momento de profunda e clarividente fragilidade nunca vista na história, de derrocada da força popular, da última celebração da falta de vontade. Não seriam dois polos contraditórios da história judaica¹⁶ entre os quais esta se encontra por inteiro e que, como seus pontos extremos, determinam a posição de seu eixo, sua inclinação, ou seja, todo o seu movimento, sua correlação com o resto do mundo [?].¹⁷

Pelo visto, externamente, celebramos pela terceira vez a *Chanucá* num contexto favorável.

A festa da vitória militar, a celebração da arma judaica – e que festa extraordinária, *unicum!* Porém, ela também é percebida por um ângulo habitual de visão¹⁸: não é seu ato heroico, não é sua vitória, não é a manifestação de sua vontade, nem a celebração de sua força, não é o momento de afirmação de sua independência e do sucesso militar final que marcou o judaísmo, e sim o

momento de iluminação do templo, da primeira oração por quem fazia milagres para nossos pais, a quem agradecem timidamente pelo que foi revelado por ela.

“Que se faça somente a vontade de Deus!”¹⁹ – não é à toa que essas palavras seguem as anteriores. Aqui, já se demarca uma tendência da história judaica que talvez – quem sabe? – tenha guiado desde aqueles dias até o nosso tempo; e lá, onde enxergávamos uma ruptura clara das contradições, demarcou-se o caminho desviante, porém interligado e ininterrupto. Impomos nosso olhar naqueles acontecimentos e descobrimos que neles não se encontra a nossa vontade.

Recebemos essa festa com a alma presa aos campos de batalha, com as armas em mãos, como se a glória orgulhosa dos Macabeus iluminasse os guerreiros judaicos agora: a esse respeito parece que não foi pronunciado um único sermão pelos rabinos do Ocidente. Porém, a situação externa e aparentemente semelhante apenas evidencia e encobre melhor o limite intransponível, a linha da contradição que separa os dois momentos e não deve ser ultrapassada.

Realmente, até mesmo na escala da história mundial, esse foi um acontecimento extraordinário, uma página realmente *heroica*, um ato heroico grandioso de autolibertação. Se existe algo humanamente sagrado são esses atos heroicos. O sentido da guerra pela libertação do povo, de rebeliões sob as bandeiras da liberdade dos espíritos orgulhosos²⁰ contra os escravizadores e os opressores, é tão simples e compreensível à consciência contemporânea quanto humanamente superior. Dentre as mais sanguinárias, a humanidade considera essas páginas da história como as mais maravilhosas.

Não é tão simples nem tão maravilhoso como se pode supor o sentido do que está ocorrendo hoje. Com uma rapidez impetuosa, os eventos esmagaram as superestruturas suficientemente sinceras e ideologicamente instáveis da opinião pública. Elas não suportaram os impulsos catastróficos da contemporaneidade e ruíram, enterrando sob seus destroços qualquer “sentido” que pudesse ser atribuído a esses eventos. Evidentemente, aqui não é lugar para demarcar, de certa forma mesmo que distante, esse sentido ou de rascunhá-lo em traços gerais, pois sequer estamos falando do “sentido” no plano social ou político.

O sentido é obscuro; até começa a nos parecer diferente do que realmente é; foi total e irreversivelmente perdido, instalou-se uma confusão, um absurdo dos absurdos, “um *vaudeville* dos diabos”²¹. Novamente, desvendou-se e desnudou-se na dor e na desgraça a essência da história judaica: sua falta de autonomia interna, sua falta de “vontade” e sua ilegalidade; novamente, a história judaica “se faz”, “se cria” – “*fi*, *ergo non sum*”²². Ainda com mais direito do que naqueles dias, o poeta indaga: “Filhos, meus filhos! Quais lábios nos dirão: por que, por que, por que a morte paira sobre vocês? Para que, em nome de quem tomaram? A morte não faz sentido como a vida, como a vossa vida, foi vivida sem sentido”²³. Quem colocou em suas mãos a espada? Quem os chamou para a batalha?

Todos os jornais noticiaram, no primeiro ano da guerra, o caso de dois judeus – um austríaco e um russo²⁴. Um matou o outro com a espada, mas, ao ouvir do moribundo “Shemá Israel”, enlouqueceu²⁵.

Se esse fato não tivesse acontecido, ele deveria ter sido inventado²⁶, pois é bastante significativo e simbólico para os nossos dias. Começa a parecer que a única saída para o trágico absurdo é a morte ou a loucura²⁷. E, agora, na época de uma profunda *décadance*²⁸ da consciência

popular judaica, cantam-se canções fúnebres e se enxerga, na falta de vontade, o signo da morte: “Assim decaiu meu povo, tornou-se poeira miserável; empobreceu e secou e se decompôs de tão podre... Assim morreu o meu povo... ele clama por vergonha. Não tem apoio em seu pé, não tem medida para seus feitos. As pessoas se desviaram do caminho, cansadas de caminhar, e nas andanças seculares, perderam o fio”²⁹. Não é à toa que o mesmo poeta, em contraposição clara aos moribundos, retorna aos Macabeus: “os que têm Yehuda Lev Macabeu como antepassado”³⁰. Na desesperança do desespero nasce o velho sentido, o antigo verso de Yehuda Halevi³¹: “Será que Ismael vencerá, será que Edom vencerá, meu destino é um só: sofrer.”³²

Não seria o milagre de *chanucá* se realizando ainda hoje? Naquela época, os lampiões queimavam sem óleo e, agora, o mesmo poeta castiga o seu povo: “assim arde o pavio, quando o óleo acaba”³³. E esperam a morte aqueles que não acreditam na chama sem o óleo, na sua existência terrestre sem a necessidade de garantia³⁴. Mas assim como naqueles dias dos Macabeus não se enxergou a vontade nos acontecimentos, de modo semelhante, será que, pela ausência de vontade, outra vontade não irradia? Pode ser que seja a mesma vontade que existia nos dias de atos heroicos populares e que não morreu até hoje.

A Festa histórica é simplesmente o aniversário sagrado de um acontecimento histórico vivenciado, historicamente, pelo povo. O paralelo é o seguinte: *assim*, o judaísmo, atualmente, vivencia *aqueles* acontecimentos e, se entre estes *assim* e *aqueles*, há uma ruptura da contradição, foi porque a escavaram ao longo de muitos anos, ano após ano; é ininterrupta, inquebrantável a corrente, que não arrebenta nunca e liga os nossos dias àquele tempo. Será que o caminho de transformação daquela grandiosa e sagrada festa numa festa obscura não reflete o caminho da história dos judeus... Mas esse caminho nós já aceitamos: “Eu sei, Iahweh, que não pertence ao homem o seu caminho, que é dado ao homem que caminha dirigir os seus passos” (Bíblia, Jeremias, 10:23).

...Estes são alguns pensamentos fragmentados e entrecortados.

Quanto aos ânimos, acredito que nem valha a pena falar sobre eles³⁵.

A chama pobre e opaca derrama uma mísera luz e não ilumina as profundezas obscuras do passado tampouco os horizontes misteriosos do futuro e a soleira da contemporaneidade. Com seu reflexo estranho, quem sabe, possamos apenas enxergar com mais clareza a nossa própria cegueira³⁶. Todos conhecem o ânimo das velas de *Chanucá*: obscuro, triste, um ânimo judaico de alegria miserável.

Eu ainda diria apenas: é uma aceitação da tristeza, sua realização num todo único com a alegria e a tristeza do passado.

L. S.

¹ *Ideias e ânimos* – artigo publicado com a assinatura “L. S.” na revista semanal *Novi Put* N° 48-49, de 1916 (colunas 49-52). Como sabemos, ele nunca foi republicado. O artigo consta da bibliografia completa das obras de Lev S. Vigotski (VIGODSKAIA; LIFANOVA, 1996). Como já foi mencionado, ele faz parte do ciclo que se constitui de três artigos de Vigotski publicados por ele na revista *Novi Put* (VIGOTSKI 1916 (a); VIGOTSKI, 1916(b); VIGOTSKI, 1917). Para mais detalhes sobre a revista e o trabalho de L. S. Vigotski ver as publicações anteriores (SOBKIN, 1981; SOBKIN; KLIMOVA, 2016; SOBKIN; KLIMOVA, 2017(a); SOBKIN; KLIMOVA, 2016 (c); SOBKIN; KLIMOVA, 2016 (b); SOBKIN; KLIMOVA, 2017 (b)).

Convencionalmente, o presente ciclo, motivado pelos acontecimentos do calendário religioso judeu, pode ser definido como um tríptico histórico-religioso (SOBKIN; KLIMOVA, 2017 (b)). Vale acrescentar que, provavelmente, quem pela primeira vez prestou atenção à relação substancial entre esses artigos e o papel deles na autoidentificação de Vigotski foi A. Z. Chapiro: "...a própria questão de *Hamlet* do jovem Vigotski estava ligada, antes de mais nada, a uma visão de mundo existencial e não a sua autodeterminação puramente profissional – não era apenas como viver, mas para quê viver. Alguns trabalhos também comprovam isso, pois foram escritos por Vigotski ao mesmo tempo em que elaborava a monografia sobre *Hamlet*, que contém uma ênfase espiritual semelhante e uma melodia existencial – comentários filosóficos sobre as festas judaicas *Chanucá*, *Pessach* e do *9 Ava*. Infelizmente, esses textos, até hoje, não foram compreendidos no âmbito da história da psicologia..." (CHAPIRO, 1996).

² "...*Linhas sobre Chanucá*" – o nome deriva da expressão do hebraico que significa *iluminação do altar*. A celebração, também conhecida como *Festival das luzes*, está ligada aos acontecimentos de libertação do Templo de Jerusalém pelos Macabeus e sua purificação.

O Templo de Jerusalém foi tomado pelos exércitos grego e sírio em 170 a.C., sendo liderado por Antíoco IV Epifânio. O templo foi roubado e Antíoco enviou para a Síria alguns utensílios sagrados, incluindo a famosa Menorá (candelabro de 7 braços de ouro) – um dos mais antigos símbolos do judaísmo. A revolta dos Macabeus eclodiu em 167 a.C. sob o lema "Quem é por Deus venha comigo" em protesto contra a helenização. Em 164 a.C., os rebeldes, sob a liderança de Yehudá Macabeu, libertaram Jerusalém e o Templo, onde, por três anos, haviam sido interrompidas as celebrações e profanado o altar. Para a purificação do Templo não foi possível encontrar o óleo "puro" e não profanado para a luminária. Encontrou-se apenas uma jarra celada com óleo que poderia durar apenas um dia. Mas um milagre aconteceu e esse óleo foi o suficiente para os oito dias necessários para a realização do ritual de purificação do Templo.

Vale destacar que o sentido e o significado da festa *Chanucá*, nas tradições judaicas, mudaram ao longo dos anos. Inicialmente, *Chanucá* era concebida como uma festa da vitória do povo judeu sobre os seus invasores. Posteriormente, tornou-se, em grande parte, um ritual para lembrar o milagre com o óleo, como símbolo da vitória *dos fracos sobre os fortes, dos puros sobre os impuros*. São estes dois sentidos da festa que Vigotski discute no contexto dos acontecimentos de sua época.

³ "...*Baiomin hoheim – Bisman haze. Da chanucá. Orações*" – a oração de *Chanucá* contém três bênçãos.

"Abençoado seja o Senhor, Deus nosso Todo Poderoso, que nos iluminou com seus mandamentos e nos mandou acender a vela de *Chanucá*!"

"Abençoado seja o Senhor, Deus nosso Todo Poderoso, que fez milagres para nossos pais naqueles tempos e nesses dias (do ano)!"

"Abençoado seja o Senhor, Deus nosso Todo Poderoso, que nos deu a vida, a manteve em nós e nos permitiu viver até o tempo de hoje!"

A terceira bênção que diz "que nos permitiu viver até..." é pronunciada apenas no momento em que se acendem os candelabros pela primeira vez, durante a festa ou pela segunda ou terceira vez etc., caso algo tenha impedido de acendê-los antes, e não se repetem mais.

⁴ "...*como, provavelmente, num norte longínquo, soa a canção sobre um sul abençoado*" – é possível supor que estas linhas foram inspiradas pela associação com o poema de M. Iu. Lermontov *O pinheiro* (1841).

Um pinheiro solitário, no norte selvagem,
Está no alto do morro desnudo,
Cochila no balanço, trajando
Um manto de neve.

Sonha com o deserto distante,
E que lá, onde o sol nasce,
No penhasco quente, cresce
Uma linda palmeira triste e solitária (LERMONTOV, 1954).

Nossa suposição está ligada ao fato de que, um pouco antes do artigo sobre *Chanucá*, publicado por Vigotski na revista semanal *Novi Put*, em 1916, no N° 28, foi publicado por ele um grande artigo em homenagem aos 75 anos da morte de Lermontov, em que analisa detalhadamente a lírica do poeta e a caracteriza como "desejo por uma canção superior" (VIGOTSKI, 1916 (c)).

⁵ "...*ânimo da contemporaneidade*" – no contexto geral do presente artigo, em primeiro lugar, é necessário considerar a situação dos acontecimentos militares da Primeira Guerra Mundial. Vale notar também que Vigotski dá ênfase à

ruptura emocional na vivência dos acontecimentos históricos e contemporâneos; em essência, este é, precisamente, o *conflito semântico* que é discutido por ele no artigo.

⁶ “...seu aspecto ritualístico é esquematicamente simples e deploravelmente simplório” – a festa de *Chanucá* é celebrada ao longo de oito dias, que correspondem à quantidade de dias necessários para a purificação do Templo depois da profanação pelos incrédulos. Destacamos apenas alguns momentos ritualísticos principais. O ritual inclui a leitura de salmos de Davi, especialmente escolhidos, de bênçãos de *Chanucá* (ver comentário 2) e se constrói em torno do ritual do acender das velas. Os candelabros de *Chanucá* são acesos após o surgimento das primeiras estrelas no céu. Na primeira noite da festa, é aceso apenas um candelabro; na segunda, dois, e assim por diante, até que, na oitava noite, estejam acesos os oito candelabros. A cada dia, acrescenta-se um, a partir da esquerda, e se acende um a um, ou seja, da esquerda para a direita.

Essa ordem foi estabelecida para lembrar que cada novo candelabro é mais precioso do que o antecedente, pois lembra o milagre de *Chanucá* que se tornou cada vez mais claro e significativo a cada dia. Na primeira noite, antes de se acenderem as velas, são pronunciadas as três bênçãos (ver comentário 2). As chamas devem permanecer acesas ao menos por meia-hora após o surgimento das estrelas.

Durante a cerimônia do acender das velas, todos os que estão na casa devem se reunir, pois o mandamento exige a proclamação e a consagração do milagre. O ritual principal de *Chanucá* é a educação (tanto das crianças como de todo o povo). Seu principal objetivo é fazer com que os judeus não se esqueçam da clemência dada pelo Todo Poderoso, consagrem-No e cumpram Seus mandamentos.

⁷ “...o simbolismo profundo do fruto religioso das preces e das missas” – como um exemplo que comprova as especificidades simbólicas da oração religiosa é possível se referir à principal oração judaica *Shemá Israel* (“Ouve, Israel”) que contém as seguintes linhas: “Portanto, amarás a Iahweh teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas” (Bíblia de Jerusalém, 2002; Deuteronômio, 6:4-9).

É importante prestar atenção não apenas aos momentos simbólicos que estão contidos na oração que vimos em destaque, mas também na oração *Shemá Israel* (“Ouve, Israel”) apresentada aqui por nós e que, posteriormente, será utilizada por Vigotski no artigo, quando ele se referir à descrição do assassinato = de um judeu do exército inimigo pelo soldado, na frente (ver comentário 24). Acrescentamos que o sentido da oração religiosa como um tema específico do presente artigo é destacado também pelas linhas da oração de *Chanucá* que foi usada como epígrafe para o artigo (ver comentário 3).

Vale destacar que, naquela época, para Vigotski, a própria compreensão do significado da oração como um estado psicológico peculiar e de vivência tem um significado extremamente importante. Assim, no artigo anterior a este ciclo – 9 *Ava* – ele também chama a atenção para as especificidades da vivência da oração (VASSILIUK, 1996; PERGAMENSCHIK, 2016; SOBKIN e KLIMOVA, 2017). Vale acrescentar que um conhecido estudo anterior de Vigotski sobre *Hamlet* termina com o tema da vivência religiosa: “Aqui a arte acabou, começou a religião” (VIGOTSKI, 2015).

⁸ “...ao espírito áptero do nosso tempo” – é possível que aqui se subentenda a referência não muito clara ao poema de V. S. Soloviov: “O espírito áptero conquistado pela terra” (1883).

O espírito áptero conquistado pela terra
Esqueceu de si e o Deus esquecido...
Apenas um sonho – e de novo alado
Voa alto, para longe dos perigos vãos.

Um raio opaco de brilho famoso,
O quase inaudível ressoar da canção sobrenatural,
O mundo antigo em brilho imarcescível
Surge de novo diante da alma sensível.

É apenas um sonho – e no despertar sofrido
Você vai aguardar com tristeza fatigante
De novo o reflexo de uma visão estranha,
O ressoar novamente da harmonia sagrada (SOLOVIOV, 1998).

⁹ “...a grandiosa luz em Israel” – Vigotski destaca o significado simbólico da festa de *Chanucá*: o milagre de iluminação do templo durante os oito dias com um pequeno vaso *não profanado* de óleo, da lâmpada que significa a

vitória da luz sobre a escuridão. Além disso, é possível que, nessa passagem, também haja uma referência não muito evidente ao comentário do Talmud “Luz de Israel” (Oh! Israel), organizado pelo Rabino Yisroel Salanter (1810 – 1883). Este trabalho é um dos mais importantes em que se apresenta o sistema ético-religioso da teoria judaica Mussar (VIRNOVITCH, 2006).

A referida teoria se orienta pela autoatualização das possibilidades do ser humano para encontrar em si forças para atingir a realidade autêntica, assim como para superar os ímpetos do mal que levam ao pecado. A teoria guia para a definição de objetivos autênticos de vida, com vistas à transformação da realidade circundante em algo superior e refinado. Os valores defendidos pressupõem o emprego de métodos específicos de trabalho que estão precisamente contidos na teoria de Mussar.

¹⁰ “...lembrar a força desumana dos Macabeus” – nome coletivo dos líderes da rebelião nacional religiosa que começou em 167 a.C. contra o rei Antíoco IV Epifânio da Síria Selêucida que proibiu, com ameaça de pena de morte, a execução das leis da Torá (para mais detalhes ver comentário 2). A dinastia dos Macabeus governou a Judeia durante quase 120 anos (de 152 a 37 a.C.).

¹¹ “...é uma profundíssima ironia e um ritual de paródia” – o emprego, no presente texto, dos termos ironia e paródia exige uma explicação para a compreensão do sentido da reflexão de Vigotski sobre a situação de celebração da *Chanucá* naquela época. Como na base da paródia se encontra uma repetição intencional de traços singulares de um acontecimento famoso (de uma obra), então, pode-se supor que, nesse caso, Vigotski está se referindo à interrupção da unidade entre *estilo e conteúdo de um acontecimento histórico*, que reduz a ênfase heroica da vivência da rebelião dos Macabeus. Ao ser disposto juntamente com o termo *ironia*, que pressupõe, particularmente, conotações tais como fingimento e deboche, é possível concluir que, em sua avaliação, Vigotski destaca o *estranhamento* (distanciamento) *psicológico* do homem contemporâneo em relação à tradição nacional e cultural (exclusão do acontecimento histórico). Além disso, vale notar que a ironia pressupõe também um tipo específico de reflexão, uma referência crítica não apenas em relação ao outro, mas também em relação a si mesmo.

¹² “Seria melhor para nós morrer em batalha do que ter de contemplar as desgraças do nosso povo” – citação do Primeiro Macabeus (Bíblia, Primeiro Macabeus 3:59).

¹³ “... *“schehechionu, wekiimonu wehigionu”... até hoje*” – palavras de uma oração tradicional da *Chanucá*, traduzidas do iídiche, que são pronunciadas quando as velas são acesas durante as festas mais importantes dos judeus” (para mais detalhes ver comentários 3 e 6).

¹⁴ “... apenas palavras, palavras, palavras” – resposta de Hamlet à pergunta de Polônio que indaga: “A que respeito, príncipe? (...) Refiro-me ao assunto de vossa leitura, príncipe.” Uma frase dita de outra forma é usada para enfatizar a eloquência e a prolixidade das promessas vazias.

¹⁵ “...um cão vivo é melhor do que um leão morto” – é uma frase levemente modificada do Eclesiastes: “Ainda há esperança para quem está ligado a todos os vivos, e um cão vivo vale mais do que um leão morto” (Bíblia, Eclesiastes, 9:4). Vale acrescentar que o interesse especial de Vigotski pelo Eclesiastes surgiu ainda quando era bem jovem. Nos arquivos da família, há um caderno datado do ano de 1912, que contém um resumo de seu trabalho *A tragicomédia das buscas que é dedicado à análise do Eclesiastes*.

¹⁶ “...Não seriam dois polos contraditórios da história judaica” – provavelmente, o que se compreende como polos da história judaica são o 9 *Ava* e a festa de *Chanucá*. Ao luto de 9 *Ava*, que está ligado à destruição do Primeiro e do Segundo Templos de Jerusalém e também a outros acontecimentos trágicos desse dia, foi dedicado um artigo de Vigotski no âmbito deste tríptico e publicado na revista semanal *Novi Put* (VIGOTSKI, 1916). Com mais detalhes esse tema é discutido na revista *Psicologia histórico-cultural* (SOBKIN e KLIMOVA, 2017). É possível que os polos também sejam o acontecimento histórico e a contemporaneidade.

¹⁷ “...seus pontos extremos, determinam a posição de seu eixo, sua inclinação, ou seja, todo o seu movimento, sua correlação com o resto do mundo” – esse fragmento é uma tentativa de apresentar, de forma imagética e gráfica a história judaica, que oscila relativamente entre dois polos: de uma tremenda derrota (9 *Ava*) e de uma vitória grandiosa (*Chanucá*). Vale notar que estes dois polos definem a escala das vivências *comunitárias* que estão preservadas na memória nacional do povo judeu e são destacadas em relação ao eixo do tempo histórico. Em diferentes momentos, numa situação histórica concreta, para cada geração é atualizado o complexo de vivências correspondente que define o horizonte da visão do futuro na modalidade otimismo/pessimismo.

É interessante que, praticamente, ao mesmo tempo, Kurt Levin definiu a especificidade psicológica de visão do horizonte em seu trabalho dedicado à análise da percepção da paisagem militar (LEVIN, 2001).

Vale acrescentar que, nos trabalhos de Vigotski, quase nunca são utilizados esquemas gráficos que, para ele, têm um significado importante como procedimento de generalização (mais precisamente, como metáforas visuais) para sistematização de postulados basilares. Para exemplificar, vamos nos referir a sua imagem sobre o movimento da ideia em relação ao paralelogramo de duas forças: “... a tarefa do psicólogo consiste em saber acompanhar esse

processo e conseguir encontrar a estrutura complexa da personalidade e do seu pensamento no qual está inserida a ideia que foi bem assimilada. Assim, a ideia assimilada, nesse período, move-se na diagonal de um certo complexo paralelogramo, que reflete duas forças, dois sistemas diferentes de movimentos” (VIGOTSKI, 1984).

¹⁸ “...A festa da vitória militar, a celebração da arma judaica (...) por um ângulo habitual de visão” – a entrada da Rússia na Guerra Mundial provocou um levante patriótico enorme entre a população judaica. Foram mobilizados quase 600.000 judeus. Muitos foram para a frente voluntariamente (via de regra, eram formandos de ginásios e universidades). O percentual de judeus presente no exército era superior ao percentual de judeus presentes na população da Rússia. Mais de 3.000 soldados judeus foram agraciados com a Cruz de São George e 40 eram cavaleiros de 1ª Classe (com 4 Cruzes). Durante as operações militares morreram 100.000 judeus.

No primeiro número do jornal *Guerra e judeus* (1914), foi publicado o artigo de P. D. Dolgorukov, que escreveu: “Milhares de judeus derramam sangue pela grande Rússia; entretanto, eles não gozam dos mesmos direitos que qualquer um dos russos pode perder apenas ao ser julgado por algum crime.” Ao mesmo tempo, as respostas da maioria dos generais ao questionário *Lista de perguntas sobre as qualidades funcionais e morais das baixas patentes de origem judaica* mostraram que, segundo eles, o acesso de judeus ao corpo de oficiais deveria ser proibido (KIPERMAN, 2014).

¹⁹ “*Que se faça somente a vontade de Deus!*” - frase tomada do Primeiro Macabeus (Bíblia, 1 Macabeus 3:60). Vale notar que, nesta passagem, Vigotski faz o leitor retornar novamente ao livro dos Macabeus, que ele citou mais acima (ver comentário 12), e que transcreve, praticamente, o fragmento anterior (Bíblia, 1 Macabeus 3:59). Aqui, nos deparamos com a poética característica dos textos de Vigotski e o seu procedimento “circular”, quando seu próprio raciocínio se “enquadra” nas citações da Bíblia como um metatexto.

²⁰ “...da liberdade dos espíritos orgulhosos” – vale a pena comparar essa definição dos acontecimentos históricos do passado com o que foi apresentado no artigo, anteriormente, ao definir “o espírito áptero” do *nosso* tempo e também com o poema de V. S. Soloviov (ver comentário 8). Semelhante contraposição determina o conflito semântico profundo e específico que orienta a direção do presente texto: *espiritual – não espiritual*.

²¹ “...um vaudeville dos diabos” – essa frase entre aspas nos remete ao romance de F. M. Dostoiévski, *Os demônios* (1870-1872). Ela pertence ao engenheiro Aleksei Nilovitch Kirilov, um dos personagens centrais do romance. Vamos ampliar a citação, demarcando o contexto em que a frase foi pronunciada. Alguns minutos antes do suicídio, como um ato de manifestação da “sua vontade”, como se fosse a confirmação de ausência de Cristo, Kirilov, ao acender as velas diante da imagem do Salvador, diz: “... essa pessoa era a superior na terra, fez aquilo do que ela teria que viver. Todo o planeta, com tudo que existe nele, sem essa pessoa, é apenas loucura... E se é assim, se as leis da natureza não se compadeceram dele também, não se compadeceram do seu milagre e o forçaram a viver entre a mentira e morrer pela mentira, então, todo o planeta é mentira, está calcado na mentira e no deboche tolo. Quer dizer que as próprias leis do planeta são mentira e um vaudeville dos diabos” (DOSTOIEVSKI, 1990). Dessa forma, considerando o contexto do romance, pode-se supor que a situação contemporânea de não autonomia da vida judaica (“a não vontade”) se contrapõe, para Vigotski, aos acontecimentos do passado da história judaica, mais precisamente, como perda das orientações teleológicas do desenvolvimento nacional.

Vale acrescentar que, até onde sabemos, aqui também nos deparamos, praticamente, com um único caso de citação por Vigotski do romance *Os demônios*.

²² “...novamente, a história judaica” “se faz”, “se cria” – “*fio, ergo non sum*” – essa frase é metafórica (latim): “torno-me, portanto, não sou”. Vale notar que essa é uma expressão latina famosa tomada por Viatcheslav Ivanov como título para o seu poema (1904) dedicado à descrição trágica da perda de sentido:

Fio, ergo non sum

A vida é desgaste e jogo,
A vida é um pairar
Da pobre sombra
Sobre a placa das runas esquecidas;
Na profundidade das lagoas noturnas
O reflexo pálido,
O tremular
Dos raios brancos,
Das luas em fio;
A vida é lamento noturno,
A vida é murmúrio
De cordas mudas e sensíveis...

A revolta sepultada
 Quem a fará
 Com claro apelo?
 Quem domina
 A palavra poderosa?
 Onde estou? Onde estou?
 Estou com fome
 De mim!

Sou o fundo dos meus espelhos,
 Sou a imagem diante do feiticeiro
 Uma fileira de sócias que se levantam,
 A corrida de nuvens pré-lunares (IVANOV, 1904).

A frase em latim, apresentada por Vigotski, enfatiza que a situação sociocultural de sua época não pode ser analisada como já estabelecida, ela era mutável e multifacetada.

²³ “*Filhos, meus filhos! ... como a vossa vida foi vivida sem sentido*” – citação do poema *Lenda sobre o pogrom* de um dos mais famosos poetas judaicos Chaim Nachman Bialik (1873 – 1934). O poema é datado de 1904, a tradução para o russo foi feita por V. E. Jabotinski. Para a compreensão da especificidade das vivências emocionais que Vigotski quis apresentar, vamos ampliar a citação:

...Levante-se e caminhe pela cidade do massacre,
 Toque com a sua mão e fixe nos olhares
 Ressecados nos troncos e nas pedras e nas cercas
 O cérebro frio e o sangue coagulado; são eles.
 Caminhe até as ruínas, até as brechas que brilham,
 Até as paredes e lares, destruídos pelo raio...
 O sol esquenta e, debochando do seu lamento,
 Cacos do vidro quebrado brilham como diamantes –
 Deus enviou logo tudo, todos festejavam de uma só vez:
 O sol, a primavera e o massacre vermelho!..
 Olhe para o paiol gelado,
 Onde está o rebanho, na escuridão da abóbada úmida,
 Desonrava mulheres do teu povo –
 De sete em sete, de sete em uma.
 Violentava sete vezes a filha e,
 Ao lado, a mãe chorava debaixo do gado;
 Desonraram-nas antes de matá-las
 Na hora do assassinato... e depois.
 Olhe para lá: atrás do barril,
 Daqui e de lá, enterrado no lixo
 Olhava o pai para o que houve com a filha,
 O filho olhava para a mãe, os irmãos para a irmã
 E viam, olhavam pelas brechas
 Como se curvavam os corpos de noivas e esposas
 Os inimigos discutiam o corpo, dividindo-o
 Como se fosse pão - e não gritaram
 Nem enlouqueceram, não ficaram grisalhos
 E não arrancaram seus olhos
 Rezavam para Adonai:
 Filhos meus, filhos! Quais lábios nos dirão,
 Por que, por que, por que a morte paira sobre vocês,
 Para que, em nome de quem tomaram? A morte não faz sentido,
 Como a vida, como a vossa vida foi vivida sem sentido... [3].

A tragédia da situação, a vivência não apenas da falta de força, mas de vergonha pela covardia de seus companheiros de comunidade, caracteriza um estado emocional geral; eis o tema principal que determinava a percepção dos acontecimentos daquela época.

²⁴ “...o caso de dois judeus – um austríaco e um russo” – Vigotski se refere a um caso bem conhecido do período da Primeira Guerra Mundial.

Vale acrescentar que, em um de seus cadernos manuscritos, encontra-se o recorte com o título *Irmão contra irmão*, do jornal *Russkoje slovo* [Palavra russa]. E. Iu. Zaverchneva e R. Van der Veer (2018) se referem a este recorte, em particular, em seu livro:

“Em uma das últimas batalhas no rio San, um soldado judeu matou com uma baioneta um soldado austríaco e, ao mesmo tempo, foi ferido. Quando foi levado para o hospital de campanha, se recusou a sair do vagão. Pediu-se às enfermeiras e ao médico que não o tocassem e ele não respondia a nenhuma pergunta que lhe faziam. Convidaram um rabino e o soldado, no leito de morte, contou a seguinte história: “Quando dei o golpe no peito com a baioneta, o meu inimigo, ao cair, gritou “*Shemá Israel!*” [Ouve, Israel!], que são palavras pronunciadas por judeus antes da morte ou no momento de perigo extremo. Então, no mesmo instante, resolvi que, apesar de ter lutado por obrigação e honra militar, não poderia mais viver” (ZAVENCHNEVA; VAN DER VEER, 2017, p. 43).

²⁵ “...enlouqueceu” – no caderno guardado nos arquivos de Vigotski, apresenta-se um comentário mais desdobrado: “Neste símbolo-fato emergiram todos os aspectos da história judaica que, como num toque de mágica, se refrataram nele e ardem iluminados por grandes acontecimentos. Dois judeus (“quem diz <*Shemá Israel*>, é judeu”, afirma o Talmude; e na loucura de um [deles] e nessa dor, percebe-se que os dois são judeus – aqui, o judaísmo vive na dor) – na tragédia insolúvel, feito armas cegas de forças obscuras – um é morto, o outro enlouquece – do caixão e da loucura (fora dos limites do comum) anunciam o sentido da insensatez trágica. A questão é que “Ouve, Israel!” tem um sentido específico: [o nome] Dele os judeus não pronunciam, Ele é inalcançável, mas em relação a Israel é ADO-NAI - uma forma específica religiosa, nome próprio de “Senhor”. Akiva fez Sua vontade, com essas palavras [morriam e] o moribundo e todos os que estavam em sofrimento; Sua vontade era feita pelos dois [soldados], na falta de força e de vontade, um matando o outro. Mas em minutos como esses de morte e de perda da razão surgem visões extraterrestres e, de lá, do além-túmulo, da loucura, “do outro mundo” irrompe uma anunciação lamentosa do sentido desses acontecimentos, do sentido da história judaica que a transforma num “*vaudeville* dos diabos”, numa Tragédia Sagrada: “*Shemá Yisrael Ado-nai Elohênu Ado-nai Echad*” [Ouve Israel, ADO-NAI nosso Deus ADO-NAI é Um] (ZAVENCHNEVA; VAN DER VEER, 2017, p. 43).

²⁶ “... *Se esse fato não tivesse acontecido, ele deveria ter sido inventado*” – uma frase metafórica de Voltaire levemente alterada: “se Deus (o *fato*) não existisse, seria necessário inventá-lo”.

²⁷ “...a morte ou a loucura” – ver a interpretação mais detalhada de Vigotski acerca desta frase no comentário 25 acima.

²⁸ “...na época de uma profunda *décadance*” – a palavra francesa *décadance* significa queda ou um retrocesso cultural [no português – decadência, N. da T].

²⁹ “...Assim morreu o meu povo... nas andanças seculares perderam o fio” – estrofes do poema de Chaim Nachman Bialik (1873 – 1934) “Como capim seco, como um carvalho abandonado...” (1897) (BIALIK, 1964).

³⁰ “...os que têm Yehuda Lev Macabeu como antepassado” – estrofes do poema *Lendas do pogrom* (1904), de Chaim Nachman Bialik (1873 – 1934):

Lá se escondiam os filhos dos teus pais,
Descendentes do bisavô Yehudah,
Macabeu estava entre a torpeza animal,
Sentado às escórias das cloacas... (BIALIK, 1964).

³¹ “...*Yehuda Halevi*” – um dos mais famosos filósofos e poetas da Idade Média (aproximadamente 1075 a 1140). Na peregrinação dos judeus para a Terra de Israel, Halevi viu a revelação da vontade sagrada, a submissão que é a autêntica liberdade e a libertação da escravidão da diáspora. A nosso ver, não é por acaso que Vigotski cita Bialik. O fato é que, um pouco antes de 1915, M. O. Guerchenzon, famoso crítico literário, chamou a atenção em seu artigo para a aproximação semântica entre os dois poetas: “Há cantoria na última tristeza e o choro inconsolável é sempre cantado; há uma vitalidade aguda no fundo da tristeza. Eis que, em Bialik, ela já começou a soar, pela primeira vez, depois de Yehudah Halevi, a alma do povo judeu, a canção não é daqui, a canção é angelicamente terrestre! Será que não está anunciando o renascimento da alma judaica? Ou é verdade que apenas o solo da Palestina pode parir para o judaísmo um novo mito criador?” (HOROWITS, 2017).

³² “*Será que Ismael vencerá, será que Edom vencerá, meu destino é um só: sofrer*” – Vigotski transcreve livremente estrofes de um poema de Y. Halevi:

...Em lugar algum no Oriente ou no Ocidente,

Não se encontra refúgio,
 Onde poderíamos encontrar a paz
 E gozar da alegria,
Será que Edom vencerá
Ou o exército de Ismael,
Meu destino é um só –
 Pedir ao Criador e sofrer.

Edom (vermelho) é o apelido de Esaú (Bíblia, Gênesis, 25; 24-34) - na Idade Média, usava-se a denominação genérica dos povos cristãos. Ismael é uma denominação representativa dos povos arábicos, que se originaram do Ismael bíblico, filho do patriarca Abraão (Bíblia, Gênesis, 25, 12-18). Assim, a contraposição de Edom e Ismael expressa a contraposição do cristianismo ao judaísmo mulçumano.

³³ “...*assim arde o pavio, quando o óleo acaba*” – estrofes do poema de C. N. Bialik *Lendas do pogrom* citado acima:

...Sem coração, murchas e cansadas de chorar:
Assim arde o pavio, quando o óleo acaba,
 Assim se arrasta sem pés o pangaré esfalfado.

³⁴ “...*que não acreditam na chama sem o óleo, na sua existência terrestre sem a necessidade de garantia*” – aqui, mais uma vez, Vigotski destaca o segundo e o principal significado da festa de *Chanucá*, que está ligado à manifestação de um milagre para quem, incondicionalmente, acredita no Todo Poderoso.

³⁵ “... *aos ânimos, acredito que nem valha a pena falar sobre eles*” – essa frase, a nosso ver, foi escrita por Vigotski com certa dose de ironia. Realmente, ao longo de todo o artigo, ele escreve exatamente sobre o ânimo, contrapondo *alegria e tristeza, crença e não crença, covardia e heroísmo*. O ânimo é transmitido pelas citações que ele faz do *Velho Testamento*, da oração de *Chanucá*, dos poemas de M. Iu. Lermontov, V. S. Soloviov, C. N. Bialik, Y. Halevi. Exatamente por isso tentamos apresentar com mais amplitude, em nossos comentários, os poemas, os fragmentos citados por Vigotski. O corpo desses textos dá o tom ao ânimo, ao fundo emocional com o qual se desdobraram as reflexões do autor do artigo.

³⁶ “...*enxergar com mais clareza a nossa própria cegueira*” – à primeira vista, isso é um paradoxo, já que ver a própria cegueira é impossível, é um erro lógico. Ao mesmo tempo, pode-se supor que, aqui, Vigotski conta com o surgimento, de duas prováveis associações no leitor. Uma delas é a de Édipo que se cega para se castigar por não ter visto o essencial nas coisas. Contudo, ao ficar cego, conseguiu alcançar a essência das coisas. A outra está ligada ao conhecido *Mito da caverna*, de Platão. Quando estamos na caverna, vemos sombras de coisas verdadeiras. Ao sair dela, começamos a ver as coisas como são na realidade. Assim, vale a questão: o que aconteceria se voltássemos para a caverna e contássemos aos seus habitantes sobre as coisas reais? Vamos tentar convencê-los a *enxergarem sua própria cegueira*. Assim, a festa de *Chanucá*, a luz que vem de suas velas permite ver a própria imperfeição na perspectiva histórica. Nessa passagem, nos deparamos com um princípio de análise dos fenômenos por Baruch Espinosa, importante para Vigotski: *sub specie aeternitatis*, ou seja, sob a formada eternidade [para mais detalhes, ver comentários 14 e 25]. É exatamente isso que ele discute em seu artigo anterior sobre esse ciclo histórico-religioso.